

Bresser não levará ao FMI proposta de renegociação

SALTO (SP) — Ao se encontrar, dia 25, com os representantes do FMI, o ministro da Fazenda, Luís Carlos Bresser Pereira, não apresentará nenhuma proposta de renegociação da dívida externa. “Essa negociação vai demorar muito tempo”, previu. Aos aproximadamente 50 sindicalistas que participaram ontem do 1º Encontro de Sindicatos do Interior Paulista — promovido pelo Ministério do Trabalho, com apoio do Banco do Brasil — o ministro pediu a unidade nacional para enfrentar os credores externos.

“Ninguém quer agredir ninguém e nem tampouco vamos deixar de pagar a dívida. Mas isso tem que ser feito com calma e firmeza”, disse Bresser Pereira, revelando aos sindicalistas que havia assegurado o apoio de empresários nesse campo, poucas horas antes. “Se não ficarmos unidos e passarmos a atirar cada um para um lado, perderemos essa batalha”, advertiu.

De acordo com o ministro, o governo brasileiro vai tentar que o Banco Mundial avalie parcialmente o pagamento dos juros da dívida externa e lhe dê garantias a longo prazo para o pagamento do principal. Nas negociações com os credores internacionais, Bresser Pereira vai procurar ainda incluir na parte convencional do possível acordo o reescalonamento anual do principal e dos juros — uma redução significativa do *spread*. “Queremos *spread* zero. Hoje, pagamos 13/16 avos”, explicou o ministro, que considera a sua proposta razoável.

Esperado com ansiedade pelos líderes sindicais, o ministro enfrentou uma platéia cética — e, em alguns momentos, irônica — em relação aos efeitos do Plano Bresser sobre os salários. Ele tentou mostrar que não preparou nenhum arrocho salarial: “Não está proibido reivindicar aumentos salariais acima do IPC. O que não é permitido é o repasse de excedentes para os preços pelas empresas”. Não animou também os sindicalistas, quando explicou que o ganhos reais expressivos só ocorrerão se três requisitos forem cumpridos: a economia crescer, o emprego e a produtividade aumentarem, e os lucros das empresas subirem.

O ministro da Fazenda disse que o país não vive uma nova reversão econômica. “A economia está morna. Os níveis de produção e emprego, estabilizados”, disse. Esclareceu

Salto (SP) — Rogério Montenegro



Ministro pediu união para enfrentar credores externos

ainda: “Claro que eu preferiria que estivessemos em pleno crescimento, mas não posso segurar a inflação com a economia aquecida. Além disso, não é possível garantir superávits elevados com o mercado funcionando a pleno vapor”.

Bresser Pereira deu uma longa explicação acadêmica sobre a economia brasileira, usando termos pouco comuns no vocabulário dos sindicalistas. A tal ponto, que suscitou do presidente da Federação dos Metalúrgicos de São Paulo, Argeu Egydio dos Santos, o seguinte comentário: “Ministro, vamos deixar de lado esses tecnologismos todos que a gente não entende. O senhor disse que economia é um jogo de trocas. Que jogo besta é esse em que a gente só perde?”. A pergunta provocou risos do ministro e calorosos aplausos da platéia.

Em relação à política salarial — sem dúvida, a questão que mais preocupava os sindicalistas — o ministro informou que continua, por enquanto, o sistema de antecipação mensal através da URP. Ele disse, no entanto, que perdas salariais podem ser negociadas nas datas-bases entre os empregados e os patrões.